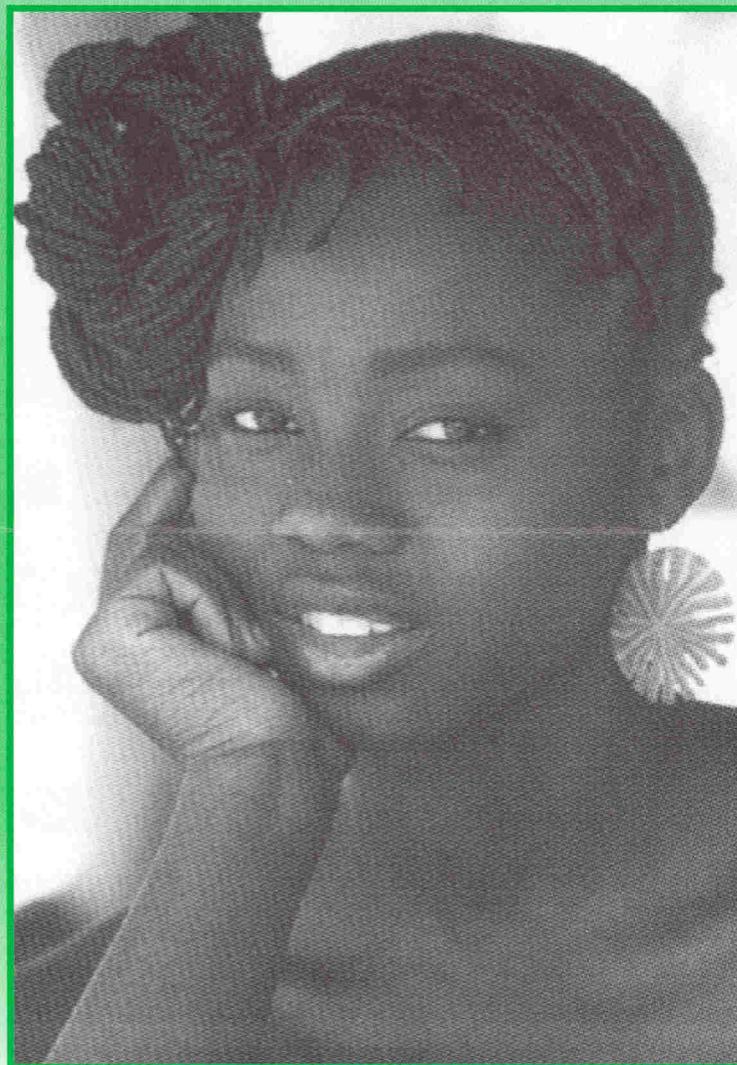


Muito se tem falado de protagonismo juvenil, ou seja, abrir espaço para que os jovens exerçam com autonomia, seu poder, sua cidadania, suas escolhas. Isto requer evidentemente que adultos reconheçam nos jovens seres pensantes e atuantes, com propostas para a melhoria da sociedade. Propostas estas que devem ser colocadas em debate entre todos, jovens e adultos. Homens e mulheres. Negros ou não.

Reconhecer a autonomia dos jovens, no entanto, não quer dizer retirar dos adultos sua responsabilidade em informar, educar, estimular crescimento e aprimoramento. Mas sim uma abertura para o diálogo.

Esta abertura precisa fazer parte também das discussões de saúde. Assim, o campo de saúde dos jovens vai se beneficiar da presença destes na expressão de sua visão de mundo, de desejos e necessidades, na análise crítica e na elaboração de propostas tanto para a ação individual quanto no âmbito da formulação de políticas públicas.

O QUE AS JOVENS TÊM A DIZER SOBRE SAÚDE



É crucial para o desenvolvimento de ações que possibilitem contribuir para a saúde das jovens negras.

Para este grupo, ser protagonista e portador de necessidades próprias e desejos é um passo importante no rompimento das limitações impostas pelo racismo que exclui todos que são negros ou que não são brancos; pelo sexismo, que quer inferiorizar as mulheres; pelo preconceito de idade, que faz com que só os adultos tenham voz em nossa sociedade. Possibilitando romper também com tantos outros preconceitos.

Este exercício, que se quer cotidiano, requer a tomada de decisão de profissionais e gestores públicos. Diálogo é a palavra-chave.

Este número de seu Boletim Toques quer dar o exemplo. As jovens foram convidadas a se pronunciarem, escrevendo artigos sobre saúde. O enfoque de saúde abordado aqui é fruto de decisão das autoras.

Boa leitura!

Viva com isso!

A Cia de Teatro das Criolas é um projeto do Programa AZIZA de Direitos Humanos, composto por 5 jovens negras de diferentes comunidades que, através das artes cênicas, apresentam e discutem as diversas formas de violações dos direitos das mulheres negras.

Neste ano, entre outros assuntos, a Cia de Teatro está trabalhando com o tema DST/AIDS, fazendo apresentações da peça Viva com Isso! Esta, aborda a situação das jovens e mulheres negras diante da epidemia do vírus HIV, seguido do pouco acesso à informação e à prevenção.

O início do processo de montagem da peça foi feito através da reportagem de uma jovem que relatava como contraiu o vírus HIV aos 16 anos e as mudanças que ocorreram em sua vida. Sendo essa jovem branca e de classe média, teve condições de realizar seu tratamento - e o fez nos EUA. Com base neste relato, elaboramos os textos e a história das personagens refletindo a realidade das mulheres negras com acesso precário/ineficiente ao tratamento. A criação dos textos exigiu atenção e cuidado para que não reproduzíssemos idéias e conceito equivocados.

Viva com isso! mostra de uma maneira diferente a necessidade de usar camisinha nas relações sexuais sem utilizar explicitamente essas palavras, que todas nós já decoramos, mas que ainda não colocamos em prática. Fazemos isto apresentando o depoimento da Rita, uma jovem que, na primeira relação sexual, contrai o vírus HIV. Essa jovem se parece comigo, com você, com todas nós, podemos nos identificar com seus sonhos e seus planos. Rita está próxima de nós.

Use camisinha é o que queremos falar, mas mostraremos as conseqüências se você opta por não usar.

Temos que nos prevenir, mas questionamos essa necessidade, sempre dizemos: tenho parceiro(a) fixo(a), confiamos nele(a) ou sou casada.

Viva com isso! quer mostrar que você deve se prevenir. Isso!

*Monique Camilo,
Cia de Teatro das Criolas*

Tento me imaginar com HIV. Mas ao imaginar, penso nas discriminações que eu passaria se fosse soropositiva. Com certeza eu não teria nenhuma oportunidade, nenhuma amiga ou até mesmo uma família que pudesse me ajudar. Imagino as dificuldades que as soropositivas passam, pois eu trabalho com essa questão e não tenho nenhum preconceito porque estudo sobre esse assunto.

Imagina as pessoas que não sabem que as pessoas soropositivas são normais, assim como eu e você. Além disso, penso que se eu fosse lésbica e tivesse adquirido o HIV através de uma relação com outra lésbica, como minha família iria reagir? Se já tinham preconceito por eu ser homossexual, imagina ainda ter HIV.

Às vezes penso como a vida é injusta com as pessoas, não as deixando decidir seus próprios destinos.

Na peça da Cia. de Teatro das Criolas faço um papel de uma jovem que é usuária de drogas. Por ela ser usuária, adquiriu o HIV através das seringas que compartilhava com seus amigos. E depois disso, ao se descobrir soropositiva, ela passou a ver as conseqüências que isso provocou. E que parte da própria vida ela descartou de si. E que logo imagina: e se ela tivesse ouvido os apelos de sua mãe? Como depois bate o arrependimento, mil coisas vêm: pôxa! E se aquilo não tivesse acontecido? Isso é o que logo vem.

Jurema, espero que estes pequenos pensamentos possam lhe ajudar.

Um abraço, Jandelize Ferreira Feitoza

EXPEDIENTE

Edição e Redação: Jurema Werneck

Projeto Gráfico: Luciana Costa Leite • Tiragem: 5.000 exemplares

Colaboradoras: Fabiana Michele Sales Paixão, Monique Camilo, Jandelize Ferreira Feitoza e Ana Lúcia Oliveira de Souza.

Este Boletim foi financiado por: **Public Welfare Foundation**



CRIOLA

Av. Presidente Vargas, 482, sobreloja 203 • Centro • Rio de Janeiro Brasil • CEP 20071-000 • Telefax. (21) 2518-6194 • 2518-7964

Endereço Eletrônico: criola@alternex.com.br

Página: www.criola.org

O QUE FAZER???

“Grávida!

Eu?

Meu Deus, como o senhor pode ter feito isto comigo!

Sou tão nova e sem nenhuma experiência da vida e já tendo que assumir compromissos e responsabilidades.

Será que devo contar para a minha mãe que estou grávida? Nossa, acho que ela vai enfartar. Sem contar a reação do meu pai – no mínimo ele vai me por para fora de casa.

Com o pai do meu filho já não posso contar. Desde o primeiro momento que ficou sabendo que eu estava grávida, me deixou dizendo que o filho que esperava não era dele. Talvez nem fosse mesmo.

Então o que fazer?

Abortar?

Não! Isso não. Ele é tão indefeso, inocente, não posso decidir a vida

dele. Não posso culpá-lo pelo meu erro. Tenho que assumir as conseqüências, afinal de contas vou ser mãe.

Mãe?

Não!

Não posso fazer isto comigo, vou perder a minha juventude.

E com que dinheiro vou sustentar esta criança? Ela vai precisar de roupas, comida. Não, não dá. Como uma criança vai cuidar da outra?

O que fazer? O que fazer meu Deus?”

O que muitas adolescente acabam fazendo quando descobrem que estão grávidas? Um aborto. Independente da sua classe social ou sua cor, uma grande maioria das adolescentes que engravidam fazem aborto. A diferença é que algumas têm dinheiro e o apoio de suas famílias, coisas que nem todas têm e acabam fazendo esses abortos caseiros. Muitas das vezes esse tipo “solução” não dá certo e acaba



Foto • Uwe Ommert

acarretando grandes conseqüências para saúde dessas meninas, que cada vez engravidam cedo. Meninas que deixam de brincar com suas bonecas para assumir compromissos e responsabilidades.

De acordo com o Censo de 1991, 8,7% das mulheres entre 15 e 19 anos de idade tiveram no ano anterior um filho. Em 2000, essa taxa pulou para 9,1%. Traduzindo: em um ano, um milhão de adolescente se tornaram mães. E a cada 10 adolescente grávidas, 8 já tentaram fazer um aborto e 5 já fizeram, acarretando grandes conseqüências para suas saúde.

Ana Lucia Oliveira de Souza

COM CONSCIÊNCIA É MELHOR

A iniciação sexual dos jovens, em geral, ocorre de modo diferente, de acordo com o seu sexo. Os meninos são incentivados a afirmarem-se como homens por meio do sexo. As meninas são mais reprimidas e o sexo lhes é mostrado como uma perigosa fonte de problema, entre os quais o pior é a gravidez. Geralmente, é com esses estereótipos que os jovens iniciam sua vida sexual, que a princípio, inclui necessariamente o ato sexual.

As jovens em geral iniciam a vida sexual durante o namoro e a possibilidade de contágio pelo HIV cresce com essa prática. Em depoimentos, as jovens vêem o sexo como se fosse um voto de confiança na pessoa com quem estão namorando, onde a única conseqüência deste ato seria uma gravidez fora da hora. E muitas vezes essas jovens nem pensam que podem pegar o vírus HIV ou outras doenças, pois acreditam que se seu namorado

transar com outra ele usará o preservativo. Não sendo, portanto, necessário usar com ela o preservativo.

Isso tudo é uma triste realidade que estamos lutando para modificar. Conscientizar as jovens negras sobre a importância de se prevenir, não somente de uma gravidez indesejada, mas de outras doenças sexualmente transmissíveis. Sem contar que essas jovens, na maioria das vezes, não têm um acompanhamento ginecológico. E que, mesmo tendo uma vida sexual ativa, não têm consciência da responsabilidade com o próprio corpo.

Aí galera: fazer sexo é muito bom, mas fazer sexo com consciência e responsabilidade é melhor ainda. Pois se você faz sexo com segurança, o sexo fica melhor.

Fabiana Michele Sales Paixão

DEU NA IMPRENSA AIDS E OS JOVENS

Comportamento adolescente deve provocar mudança no combate à propagação do HIV

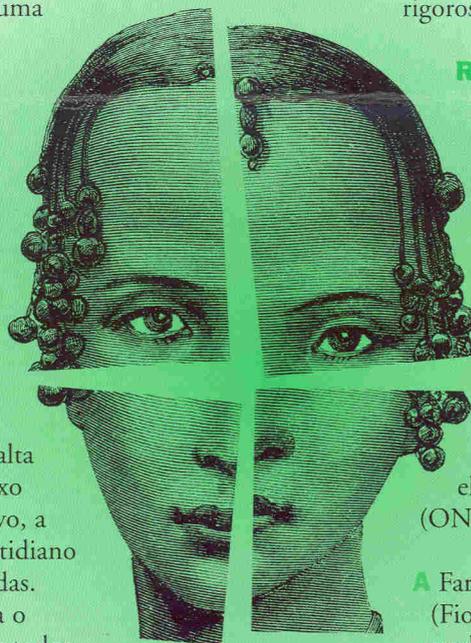
O último boletim do Ministério da Saúde traz um dado preocupante: 12% dos casos de Aids no Brasil são de pessoas entre 13 e 24 anos. Essa constatação, mais observada entre jovens do sexo masculino e de baixo poder aquisitivo, está provocando uma revisão da política de prevenção de Aids no País. Os especialistas chegaram à conclusão de que informar sobre os riscos da síndrome não basta. É necessário mostrar que vale a pena evitá-la.

O que está faltando para uma maior conscientização dos jovens brasileiros com relação ao grave problema? Não se pode dizer que essa significativa parcela - 12% - da juventude brasileira tenha contraído o vírus HIV por falta de divulgação sobre os riscos do sexo sem proteção. O uso do preservativo, a popular camisinha, faz parte do cotidiano do brasileiro há mais de duas décadas. Diversas campanhas alertando para o perigo da Aids, com a utilização de todos os meios de comunicação, foram e continuam sendo desenvolvidas pelas autoridades. Os jovens crescem vendo e ouvindo essas mensagens e muitos deles recebem educação sexual nas escolas, onde a importância do chamado sexo seguro é exaustivamente ressaltada.

Fatores culturais pesam nessas estatísticas. A despeito da maioria da população estar consciente dos riscos, ainda existe muita gente adepta da simplória opinião de que Aids é um problema de homossexuais. Alguns jovens pensam que a síndrome nunca os atingirá: é uma coisa que acontece com "os outros". Enquanto persistir essa mentalidade, o vírus HIV continuará a fazer mais vítimas.

Outro fator pode ter contribuído para um certo relaxamento na prevenção da Aids: o sucesso obtido na redução do número de mortes graças ao coquetel de medicamentos que inibe a reprodução do vírus dentro do organismo. Os óbitos por Aids caíram 50% entre 1995 e 1999. A Aids deixou de ser necessariamente ligada à morte. Muitas pessoas convivem hoje com o vírus HIV e

estão perfeitamente integradas na sociedade. Há a tendência de a Aids passar a ser encarada como o diabetes e outras doenças incuráveis, mas que podem ser controladas através de um tratamento metódico e rigoroso.



Ressalte-se ainda que o Brasil é o único país em desenvolvimento em que os remédios para o controle da Aids são gratuitos. A política brasileira de combate à doença é apontada como exemplo para outros países. Desde quando começou a distribuição do coquetel, em 1996, 217 mil internações foram evitadas. Isto significou uma economia de US\$ 700 milhões de dólares para o sistema de saúde. Tais conquistas mereceram o reconhecimento internacional. O Ministério da Saúde recebeu, em 2001, elogios da Organização das Nações Unidas (ONU).

A Far-Manguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), produziu em 2001 oito dos 12 medicamentos do coquetel anti-Aids distribuído gratuitamente pelo Ministério da Saúde a cerca de 100 mil pessoas. O Brasil propôs uma flexibilização do Tratado Internacional de Propriedade Intelectual (Trips) nos casos de grande benefício social ou estado de emergência. Isso fez com que os Estados Unidos recorressem à Organização Mundial do Comércio (OMC), sob a alegativa de que as legislações brasileira violava as leis internacionais de patentes. O Brasil obteve duas vitórias históricas nessa questão: em maio de 2001, quando a Assembléia Mundial de Saúde aprovou por unanimidade a proposta brasileira que define o acesso aos medicamentos para a Aids como direito humano fundamental e, em junho do mesmo ano, quando os EUA retiraram a queixa apresentada na OMC.

São passos significativos dados pelo Brasil na luta contra um dos maiores flagelos da humanidade. É preciso, no entanto, que a euforia com os resultados positivos dessa política não seja ofuscada com o crescimento dos casos de Aids, principalmente entre a população jovem. Mais do que nunca, a hora é de prevenir. ■